

AGOSTO
INDÍGENA 2023



A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO NAS ESCOLAS



DIÁLOGOS SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 11.645/08

no cotidiano da escola

Para iniciarmos é fundamental como ponto de partida que uma pergunta seja feita:

Quais são os saberes sobre a história e cultura indígena apresentados aos educandos?

N

a maioria das vezes, a resposta a essa pergunta revela um repertório de práticas escolares que pouco favorecem a construção de conhecimentos amplos

sobre os povos indígenas, repetindo e perpetuando uma história fragmentada baseada no discurso do colonizador, de cunho eurocêntrico e que não nos ajuda a compreender de forma crítica o país que fomos e somos. Deste modo, o que e como se ensina a história e a cultura indígena nas escolas precisa ser reformulado, como aponta as Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008. (2015):

[...] é oportuno reafirmar que a correta inclusão da temática dos povos indígenas na Educação Básica tem fortes repercussões pedagógicas, tanto na formação de professores quanto na produção de materiais didáticos que, por sua vez, devem valorizar devidamente a história e a cultura dos povos indígenas, tanto quanto dos demais grupos étnicos e raciais constituidores da sociedade brasileira, repercutindo na construção da imagem do povo brasileiro e no reconhecimento da diversidade cultural e étnica que caracteriza nossa sociedade como multicultural, pluriétnica e multilíngue. Esta ênfase é essencial, uma vez que a inclusão da temática da história e da cultura indígena nos currículos da Educação Básica brasileira, ampliando a compreensão das relações étnico-raciais no país, exige novos procedimentos de ensino e pesquisa, o estabelecimento de novos objetivos e metas, a reflexão sobre conceitos, teorias e práticas que historicamente marcaram a compreensão sobre esses povos e de seus relacionamentos com segmentos da sociedade brasileira e com o Estado brasileiro.



O

desafio que se coloca a toda sociedade é investir na superação da discriminação e reconhecer a riqueza representada pela

diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro. Neste sentido, o compromisso da escola é com a transformação das “verdades que nos foram contadas”. Compreendemos que apesar do esforço de professores e professoras em tratar do tema, ainda há muito que precisamos aprender sobre os povos indígenas, assim, outro questionamento fundamental a ser feito:



O QUE CONHECEMOS SOBRE A HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA?

Uma questão complexa que envolve diferentes perspectivas teóricas, mas neste momento vamos trazer alguns aspectos mais prementes que definem as concepções sobre o tema, confira abaixo

GENERALIZAÇÃO

A ideia de que ao falar de um indígena falamos de todos. Um aspecto bastante forte em nossa formação, que nos leva a desconsiderar as características de cada povo, lembrando que estamos falando de 305 etnias existentes no Brasil. Imaginem a diversidade cultural presente, mas normalmente ao pedir que alguém descreva um indígena, a imagem que virá, em sua maioria, será de um único indígena, tanto em relação a aparência como em seus costumes.

ÍNDIO DE VERDADE?

Uma pergunta frequente quando alguém se depara com um indígena que não está de acordo com o imaginário social. Há um estranhamento ao ver os indígenas nas universidades, trabalhando nas cidades, atuando na política, ou até mesmo, utilizando recursos tecnológicos, como se a partir destas condições ele deixasse de ser “índio de verdade”. Esta visão reflete a permanência das referências que aprendemos nos livros didáticos.

OS ÍNDIOS QUASE NÃO EXISTEM NO BRASIL

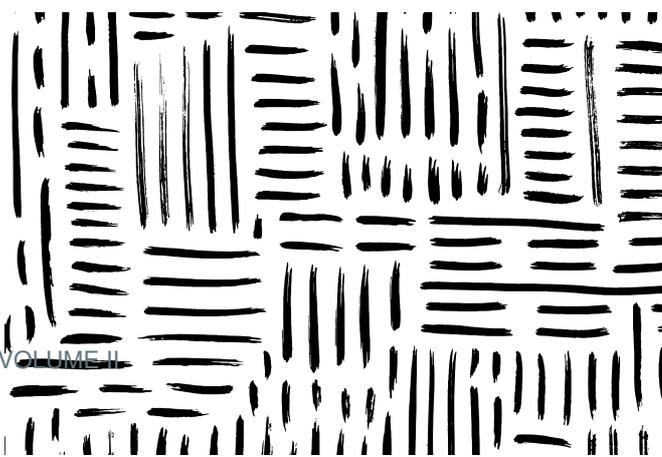
Outro equívoco causado pelo desconhecimento de que apesar dos processos de dizimação os povos indígenas resistem e segundo o Censo IBGE 2010 são mais de 305 povos indígenas que somam 896.917 pessoas.

POVOS COM UMA CULTURA ATRASADA

Há uma crença muito arraigada entre nós sobre o que caracteriza o desenvolvimento de uma sociedade.

Nossa avaliação passa necessariamente por um crivo definido por padrões ocidentais e aprendemos que as formas de organização social dos indígenas e suas manifestações culturais, são inferiores. Desconsideramos os saberes acumulados por estes povos em diversas áreas, mas alguns pesquisadores e movimentos indigenistas buscam nos alertar sobre este equívoco.

Diante desses aspectos, espera-se que a equipe escolar, em seu planejamento, considere esses elementos e busque construir estratégias para lidar com tais equívocos, a fim de superá-los.



Sabemos que não há uma forma correta de fazer valer a Lei 11.645/08, mas é importante ter alguns princípios na elaboração dos projetos e práticas sobre o tema. Compartilharemos em seguida alguns pontos que podem colaborar neste processo:



➔ Ampliar seus conhecimentos sobre o tema é fundamental

Atualmente, há várias publicações, artigos e sites que trazem esta possibilidade (indicamos algumas sugestões a partir do capítulo 09 do fascículo:

“Precisamos falar sobre...

A necessária desconstrução do imaginário social no ensino da História e Cultura Indígena”

<https://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/exibir/arquivo/9636/inline/>).

Com seu grupo, participe e promova espaços de formação e debate sobre o tema!

➔ Ensino de história e cultura indígena é o ano todo



Aborde a temática sobre os povos indígenas no decorrer do ano e não apenas por ocasião de datas comemorativas.

Proponha discussões sobre a cultura indígena usando fotos, vídeos, música e a vasta literatura de contos indígenas, há inúmeros recursos que ajudará a diversificar as propostas.

➔ Falando em data comemorativa, lembre-se:

É preciso compreender o significado histórico-político das datas, pois elas precisam reafirmar o protagonismo dos indígenas, refletir seu sentido de luta e resistência. Celebrar uma data sem contextualizar a história e cultura indígena acaba por reforçar estigmas, ao invés de favorecer a aprendizagem dos educandos (as).

Em nossa Rede, desde 2010, procuramos enfatizar o dia 9 de agosto por meio do Agosto Indígena, na qual as escolas são convidadas a participar e também desenvolver atividades de formação e de celebração da história e cultura dos povos indígenas.



Com o objetivo de promover a reflexão sobre as condições de existência dos povos indígenas, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o Dia Internacional dos Povos Indígenas, comemorado no dia 09 de agosto. A data é lembrada anualmente em referência ao dia da primeira reunião do Grupo de Trabalho das Nações Unidas sobre Populações Indígenas, realizada em Genebra, em 1982. O Grupo, que contava com lideranças nativas de todo o mundo, foi criado para discutir pautas dos direitos humanos e como poderiam proteger os povos indígenas

PENSAR PARA PLANEJAR

➔ Respeito à identidade indígena

Ao planejar e desenvolver as atividades e eventos culturais, escolha um repertório que de fato represente os indígenas.

Cuidado com imagens que refletem uma visão estereotipada, reducionista e preconceituosa dos indígenas, assim como, músicas, danças, fantasias e decorações.

Proponha discussões sobre a cultura indígena usando fotos, vídeos, música e a vasta literatura de contos indígenas. Há inúmeros recursos que ajudará a diversificar as propostas.

➔ NÃO REPRESENTE O INDÍGENA COM UMA GRAVURA DE LIVRO DIDÁTICO DO PERÍODO COLONIAL



Mostre aos educandos que os povos indígenas não vivem mais como em 1500, que muitos têm acesso às tecnologias, às universidades, como nós, mas isso não os impedem de serem indígenas e de preservarem sua cultura. Utilize exemplos reais e explique qual é a etnia, a língua falada, o local e os costumes.



Gilberto Awá, indígena da etnia tupi-guarani, e Maria da etnia Pankararé em Roda de Conversa com educandos/as da Rede Municipal de Guarulhos

Não se trata de abordar cada uma das etnias, mas é importante que os educandos saibam que no Brasil há 305 etnias e que cada uma tem sua identidade, rituais, modo de vestir e de se organizar.

É um equívoco representar os indígenas a partir de adereços como cocares e pinturas de rosto, como se toda a diversidade dos povos indígenas se resumisse a um único modelo e somente a estes aspectos.

Apresente elementos que favoreçam a compreensão sobre as contribuições dos povos indígenas para a sociedade brasileira, procure ampliar trazendo, além dos aspectos da língua, a arte e a medicina, por exemplo.

Uma boa estratégia é oferecer espaços de diálogo entre os(as) educandos(as) e os indígenas, para que eles possam falar sobre sua etnia, buscando desmistificar a figura de um índio distante de nós.

LEITURA E ESCRITA

PLANEJAMENTO

GESTÃO DO TEMPO

A gestão do tempo na escola é de grande importância para o processo educativo, pois alguns fatores interferem no “tempo efetivo” de ensino e aprendizagem. Sabemos que os educandos aprendem com as vivências em todo espaço escolar, no entanto, somente uma boa organização do planejamento semanal possibilita situações de aprendizagem significativas. O planejamento da rotina semanal deve estar pautado no planejamento anual, documento macro da escola onde estão descritas as aprendizagens do currículo (QSN - 2019) que serão realizadas durante o ano letivo. Para isso, faz-se necessário o registro de um documento semanal, que permita visualizar uma semana inteira de aula. O/a professor(a) pode indicar as atividades que têm horário fixo, tais como, horários de café e almoço, os horários de aulas com os professores das diversas áreas do conhecimento como arte, educação física, inglês, entre outros.

ESCRITA

REVISTA SABERES E APRENDIZAGENS

Na Revista Saberes e Aprendizagens do 3º Bimestre é possível encontrar sugestões de atividades de leitura e escrita no Bloco Além das Letras.

Acesse:

<https://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/exibir/arquivo/10587/inline/>



LITERATURA

IMPORTÂNCIA DO CONTATO COM A LITERATURA INDÍGENA

"A literatura indígena brasileira desenvolvida a partir da década de 1990 é um dos fenômenos político-culturais mais importantes de nossa esfera pública e se insere nessa dinâmica ampla de ativismo, de militância e de engajamento de minorias historicamente marginalizadas e invisibilizadas de nossa sociedade, que assumem o protagonismo público, político e cultural enquanto o núcleo de sua reafirmação como grupo-comunidade e, em consequência, do enfrentamento dessa situação de exclusão e de violência vividas e sofridas."

Fonte: Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção

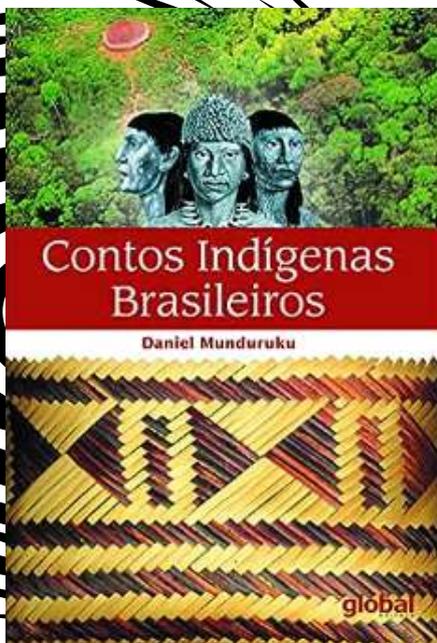
Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.)

Crédito: Wikimedia Commons, Editora Peiropolis, UFRJ, Carta Capital, Instituto Elos, IMS e Divulgação. Composição: Duda Oliva

postado em: https://www.instagram.com/p/CvLLiy1u_P2/?shid=MTc4MmM1YmI2Ng==

<https://www.instagram.com/unic.oletivo/>





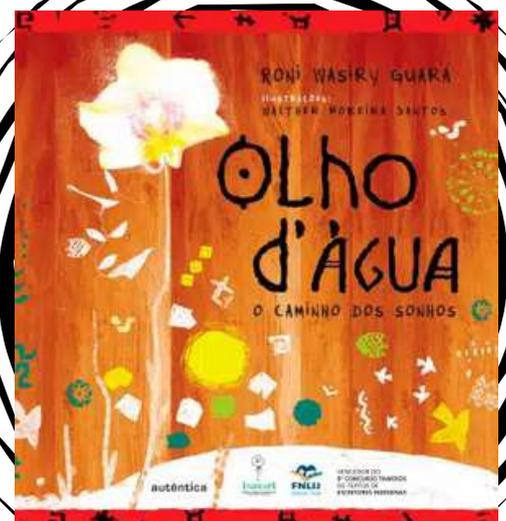
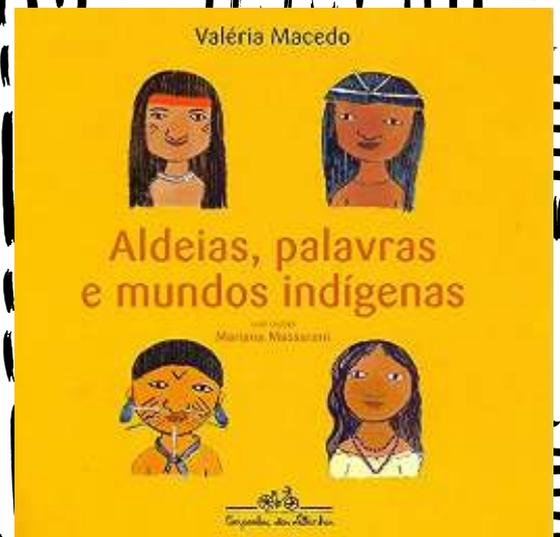
Na apresentação do livro Contos indígenas brasileiros, publicado em 2004, o autor Daniel Munduruku afirmou: “O Brasil é o país da diversidade cultural e linguística. Aqui em nossas terras, convivem mais de 250 povos diferentes, falando 180 línguas e dialetos, morando em todos os estados desse imenso país. São mais de 750 mil pessoas, segundo os últimos dados do IBGE, que buscam manter acesas as chamas de sua tradição e o equilíbrio de suas próprias vidas.” Os oito contos selecionados pelo autor, a partir de um critério linguístico, têm a intenção de retratar, através de seus mitos – o roubo do fogo, a origem do fumo, depois do dilúvio, entre outros –, a caminhada de alguns de nossos povos indígenas do norte ao sul do país – Guarani, Karajá, Munduruku, Tukano, entre outros. A leitura dessas histórias dá às crianças uma rica visão de nossa herança cultural.

Este é um livro cheio de curiosidades que oferece ao leitor um passeio pelos costumes de quatro povos indígenas diferentes: os Yanomami, os Krahô, os Kuikuro e os Guarani Mbya.

Yano, Ejcre, Üne, Oo — por incrível que pareça, essas quatro palavras significam a mesma coisa. Representam, na língua de quatro povos indígenas diferentes (os Yanomami, os Krahô, os Kuikuro e os Guarani Mbya), o vocábulo casa. Através delas e de muitas outras palavras, o leitor é convidado a conhecer um pouco da vida e dos costumes desses grupos: onde moram, como se enfeitam, suas festas, sua língua.

A obra Olho d'água – o caminho dos sonhos, de Roni Wasiry Guará –, do povo indígena Maraguá, do Baixo Amazonas, é a vencedora do 8º Concurso Tamoios de Textos de Escritores Indígenas.

O livro fala sobre esperanças, desapontamentos e desejos e o contato com o não-indígena em uma linguagem poética, além de ser uma reflexão sobre liberdade e responsabilidades perante o planeta.



PINTURAS CORPORAIS INDÍGENAS SÃO MARCAS DE IDENTIDADE CULTURAL

Provavelmente, você já deve ter visto que os indígenas possuem pinturas corporais características, mas já se perguntou o que elas significam? Os indígenas carregam no corpo e no rosto a identidade cultural de seu povo. As pinturas são as marcas de muitas etnias e são diferentes para cada ocasião. As tintas são feitas de elementos naturais, como urucum e jenipapo, e podem manter-se na pele por um período de 15 a 20 dias.

Segundo a mestrandia em Antropologia Eliene Putira, que também é presidente da Associação dos Povos Indígenas Estudantes na UFPA, cada traço tem um significado. A pesquisadora ressalta que o significado das pinturas depende de cada etnia, ou seja, uma mesma pintura pode ter significados diferentes dependendo da etnia que a faz. Existem desenhos que demonstram sentimentos, desde os mais felizes até os de revolta e indignação pelos problemas enfrentados pelos povos.[...]

A professora comenta que as pinturas são, ainda, a identidade dos povos e, por meio delas, podem identificar também à qual etnia pertencem. Outra característica representada pela arte são as peles de animais como jabutis, cobras, entre outros.



INDÍGENAS DA ETNIA ASHANINKA. FOTO: RICARDO STUCKERT

TEXTO: REBECA ROCHA - ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UFPA



FOTO: ACERVO/FUNAI

PINTURA E ANCESTRALIDADE

As pinturas feitas pelos indígenas carregam uma história com uma ancestralidade muito grande por trás de cada uma delas. Essa arte indígena está muito além do valor estético, ela obedece a preceitos mágicos simbólicos e cosmológicos da sociedade que a representa.

MARCA ÉTNICA

A professora e antropóloga Jane Beltrão explica que, para os indígenas, se pintar ritualmente também é uma forma de expressar os mais delicados valores de sua cultura. Uma cultura rica que possui múltiplas formas de decorar corpos e artefatos, usando criativamente os mais diversos suportes – corpos, pedras, cerâmica entre tantos outros – para sua arte.



“A arte indígena é um sofisticado meio de comunicação estética, que informa aos demais sobre a diferença da qual emana força, autenticidade e valores das nações indígenas. Exibir as marcas tribais é indicar a resistência ao colonialismo, ao eurocentrismo e ao androcentrismo”

5 ARTISTAS INDÍGENAS PARA CONHECER E APOIAR

POR REDAÇÃO

19/04/2023 06H00 ATUALIZADO HÁ 2 MESES

OS POVOS INDÍGENAS POSSUEM PAPEL ESSENCIAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO POVO BRASILEIRO, CARREGANDO UMA SÉRIE DE HISTÓRIAS, PRÁTICAS, VIVÊNCIAS E OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO CULTURAL - E UMA MANEIRA DE TRADUZIR ESTAS QUESTÕES É ATRAVÉS DA ARTE. PARA CELEBRAR O DIA DOS POVOS INDÍGENAS, COMEMORADO NESTA QUARTA-FEIRA, CONHEÇA 5 ARTISTAS INDÍGENAS QUE DESPONTAM NA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA:

Transitando entre diferentes linguagens, como a pintura, desenho, performance e outras, estes artistas despontam no cenário da arte contemporânea brasileira



1) Auá Mendes

Autoretrato, 2020 – Foto: Divulgação
Nascida em Manaus, Amazonas, a artista transvestigênera Auá Mendes é designer gráfica, ilustradora, grafiteira, performer, maquiadora artística e fotógrafa experimental. Conhecida por utilizar suas obras como ferramenta de fala e política, seu trabalho já foi exposto no Palacete Provincial e Galeria do Largo, em Manaus, além do Centro Cultural de São Paulo.



2) Carmézia Emiliano

Índigena da etnia Macuxi, Carmézia Emiliano é considerada uma expoente da Arte Naïf. A artista traz como bagagem paisagens, objetos da cultura material e o cotidiano da sua comunidade para as suas obras. Atualmente, o trabalho de Carmézia Emiliano está sendo exposto na mostra [Carmézia Emiliano: a árvore da vida](#), no MASP, que fica em cartaz até 11 de junho.



3) Denilson Baniwa

Natureza morta 1, 2016
Foto: Divulgação
Vencedor do prêmio PIPA Online 2019, Denilson Baniwa nasceu em terras da etnia Baniwa, localizadas na região do Rio Negro, no Amazonas. O artista apresenta diversas técnicas, com trabalhos nas áreas da gravura, pintura, desenho, performance, entre outras. Atualmente, Denilson vive e trabalha em Niterói, no Rio de Janeiro.



4) JAIDER ESBELL

Pata Ewa'n - O coração do mundo, 2016 – Foto: Divulgação
Nascido na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima, Jaider Esbell é artista visual, escritor e produtor cultural. Seus trabalhos mais conhecidos são aqueles que utilizam a técnica de acrílica sobre tela. Através de suas obras, este artista da etnia Makuxi levanta discussões sobre cosmologias, narrativas míticas originárias, espiritualidade, críticas à cultura hegemônica e preocupações socioambientais.

5) TAMIKUÃ TXIHI

Mural feito pela artista indígena Tamikuã Txíhi, que faz parte da exposição permanente do Museu das Culturas Indígenas – Foto: Divulgação
Para Tamikuã Txíhi, a arte é um meio de promover a proteção física e espiritual dos corpos, territórios e conhecimentos dos povos [originários](#). Índigena da etnia Pataxó e integrante da comunidade Tekoa Itakupe





10 ARTISTAS BRASILEIROS PARA CONHECER O RAP INDÍGENA

IMAGEM DO CLIBE DA MÚSICA "KOANGAGUA", DO GRUPO INDÍGENA DE RAP BRÔ MC'S. IMAGEM: REPRODUÇÃO



Brô Mc's

Esta semana a coluna Arte fora dos centros falou com o Brô Mc's, primeiro grupo de rap indígena do Brasil, formado no Mato Grosso do Sul pelos pioneiros Bruno Veron, Clemerson Batista, Kelvin e Charlis Peixoto, em 2009.

Onze anos depois do nascimento do Brôs, indígenas de todo o Brasil transformam a luta de seus povos por demarcação e retomada em um dos movimentos musicais mais originais e eletrizantes do país.

A seguir fizemos uma pequena lista de artistas, de todo o país, para você começar a ouvir o hip hop cantado por membros dos povos originários do nosso continente.



Katú, Bororos



Brisa Flow, Mapuche



**PARA CONHECER OS DEMAIS
RAPPERS, ACESSE:**



**CONHEÇA A DECLARAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
SOBRE OS DIREITOS DOS POVOS INDÍGENAS.**



VOCÊ SABIA...

... QUE É POSSÍVEL FAZERMOS VISITAS VIRTUAIS NO MUSEU DE ARTE INDÍGENA?



ABELHAS INDÍGENAS DO BRASIL

Essa exposição tem como objetivo mostrar as “Abelhas Indígenas do Brasil” as “Melipona”.

É o primeiro museu particular do Brasil dedicado exclusivamente à produção artística dos indígenas brasileiros.

Com área superior a 800 metros quadrados, divididos em: arte plumária, cerâmica, cestaria, instrumentos musicais, máscaras ritualísticas, bancos, adornos e objetos utilitários.



ONDE ESTÃO OS 21 MIL INDÍGENAS DA GRANDE SP?

ATENÇÃO!

NOSSAS ESCOLAS ATENDEM EDUCANDOS DE DIVERSAS ETNIAS. COMECE COM UMA PESQUISA PARA SABER QUEM SÃO E A QUAL ETNIA PERTENCEM.



POR: PAULO TALARICO
NOTÍCIA PUBLICADO
EM 10.05.2019 | 17:44 |
ALTERADO EM 09.02.2022 | 12:02

Dos Guaianás aos Pankararés, como a ocupação do território de São Paulo formou o que se vê hoje nas periferias e nas cidades ao redor da capital; atualmente, povos vindos do Nordeste tentam manter tradição

Em Guarulhos, desde os anos 1990, Paulo Matos da Silva, 45, é cacique do povo Wassu Cocal. Mais populosa cidade do estado depois da capital, com 1,3 milhão de habitantes, o município da Grande São Paulo também é o segundo em população indígena segundo o último Censo do IBGE.

São mais de 1.400 habitantes e ao menos 12 etnias presentes na cidade cujo nome remonta a um povo que viveu em São Paulo até a chegada dos portugueses. Hoje, os indígenas que buscam manter a história na região metropolitana são, sobretudo, vindos de outros estados como Silva.



O objetivo da gente migrar de um estado para outro é pelo melhor para os nossos filhos”, afirma. “Temos muitos indígenas que hoje são médicos, advogados, professores e precisaram fazer essas migrações para vários estados do nosso país.”

Paulo está na segunda passagem pelo estado. A primeira foi em 1994, quando ficou até 2002 e retornou para a aldeia que fica entre as cidades de Joaquim Gomes e Novo Lino, a 70 km de Maceió (AL). Em 2013, decidiu voltar para a Grande São Paulo. “Não importa onde a gente estiver. Somos nativos, somos indígenas, em qualquer lugar que a gente esteja, em qualquer estado”.

PAULO É CACIQUE DO POVO WASSU COCAL



A trajetória do cacique é semelhante a de outros indígenas que adotaram a capital e os municípios vizinhos.

Os últimos dados oficiais apontam para a presença de 21 mil indígenas na Grande São Paulo, com aldeias como a Tekoa Itakupe, no Jaraguá, na zona oeste, e o povo Guarani Mbya, em Parelheiros, na zona sul.

Há ainda aqueles que vivem em bairros da capital como a Favela Real Parque, na zona sul, onde os Pankararus tentam manter a tradição.

Estes grupos ajudam a preservação da cultura indígena que, atualmente, não conta com os povos originários de São Paulo, que desapareceram no processo de colonização.

PASSADO

A rodovia Índio Tibiriçá, que liga o ABC paulista a Suzano, no Alto Tietê, Grande São Paulo, é uma das poucas referências ao indígena que ajudou na formação da capital. Enquanto ele mantinha a aldeia Ihambipuaçu e conexão direta com o português João Ramalho, fundador da primeira vila da região – Santo André da Borda do Campo, dois irmãos do indígena lideravam grandes aldeias no que, hoje, conhecemos como periferias. Onde hoje está a capela de São Miguel Arcanjo, na zona leste, Piquerobi tinha a aldeia de Ururaí, enquanto Caiubi era quem atuava em Jerubatuba, um lugar muito grande, onde está a atual Santo Amaro, na zona sul.

A população indígena que vivia no século XVI teve destino pouco feliz. Parte morreu com as doenças trazidas pelos portugueses, parte foi morta em confrontos contra os colonizadores ou em guerras tribais, e alguns foram escravizados.

É dessa época que surgem os chamados aldeamentos, que deram origem ao nome de vários bairros e cidades de São Paulo. Esses espaços criados pelos jesuítas foram utilizados com a missão de catequizar os povos e retirá-los da vida na mata. Eles eram confinados em locais onde deveriam viver e aprender o trabalho.

PERSONALIDADES INDÍGENAS QUE VOCÊ PRECISA CONHECER

POR LAYSA IGNÁCIO EM 09/08/2021

PERSONALIDADES INDÍGENAS

A MUDANÇA DE VISÃO A RESPEITO DO POVO INDÍGENA E A DESMISTIFICAÇÃO DE IDEIAS PRECONCEITUOSAS TEM AUMENTADO GRAÇAS À OCUPAÇÃO DE INDÍGENAS EM DIVERSOS ESPAÇOS DA SOCIEDADE. DESSA FORMA, ELAS TRAZEM A REFLEXÃO DE QUESTÕES IMPORTANTES DE SEUS POVOS, ASSIM COMO A CONSTANTE NECESSIDADE DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO.

CONHEÇA ALGUMAS PESSOAS QUE ESTÃO SE DESTACANDO NO MOVIMENTO PELA LUTA DOS POVOS INDÍGENAS:

FUNAI



A Fundação Nacional do Índio - FUNAI é o órgão indigenista oficial do Brasil. Instituída pela Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, vinculada ao Ministério da Justiça, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal.

A FUNAI tem como algumas de suas funções: elaborar estudos de identificação e delimitação, demarcação, regularização fundiária e registro das terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas; monitorar e fiscalizar essas terras; promover políticas voltadas ao desenvolvimento sustentável das populações indígenas.



AILTON KRENAK (POVO KRENAK)

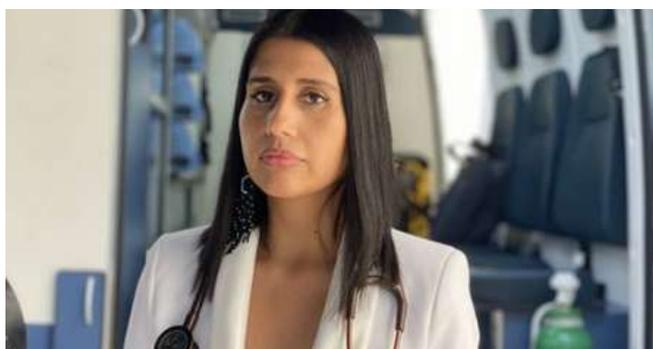
Ailton é um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro nascido na região do Vale do Rio Doce, onde fica localizada a Terra Indígena Krenak.

CACIQUE RAONI METUKTIRE (POVO KAYAPÓ)

O cacique, nascido no Mato Grosso, é respeitado por defender a Amazônia e os povos indígenas da floresta. Em 2020, foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz.



MYRIAN KREXU (POVO GUARANI MBYÁ)



Myrian Krexu foi a primeira cirurgiã cardiovascular indígena do Brasil. Nascida no município de Xanxerê, no interior de Santa Catarina, viveu na comunidade Terra Indígena Rio das Cobras, maior aldeia em tamanho e população do estado do Paraná, pertencente à etnia Guarani Mbyá.

SONIA GUAJAJARA (ARARIBÓIA)



Sônia é a principal liderança indígena feminina no Brasil, além de ser coordenadora-executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e foi, em 2018, a primeira pessoa indígena a concorrer para o Governo Federal, como vice-presidente na chapa do PSOL. Atual Ministra dos Povos Indígenas.

DANIEL MUNDURUKU (POVO MUNDURUKU)

Daniel, além de escritor com mais de 54 livros publicados em todo mundo, também é Doutor em Educação e Pós-doutor em Linguística.

Ele já recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, dentre eles o prêmio Jabuti.

Seus livros são compostos, principalmente, por literatura infanto-juvenil e livros paradidáticos.



266

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL



O Parque Indígena do Xingu engloba, em sua porção sul, a área cultural conhecida como alto Xingu, formada pelos povos Aweti, Kalapalo, Kamaiurá, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Trumai, Wauja e Yawalapiti.

A despeito de sua variedade linguística, esses povos caracterizam-se por uma grande similaridade no seu modo de vida e visão de mundo. Estão ainda articulados em uma rede de trocas especializadas, casamentos e rituais inter-aldeões. Entretanto, cada um desses grupos faz questão de cultivar sua identidade étnica e, se o intercâmbio cerimonial e econômico celebra a sociedade alto-xinguana, promove também a celebração de suas diferenças.

BAIXE AQUI



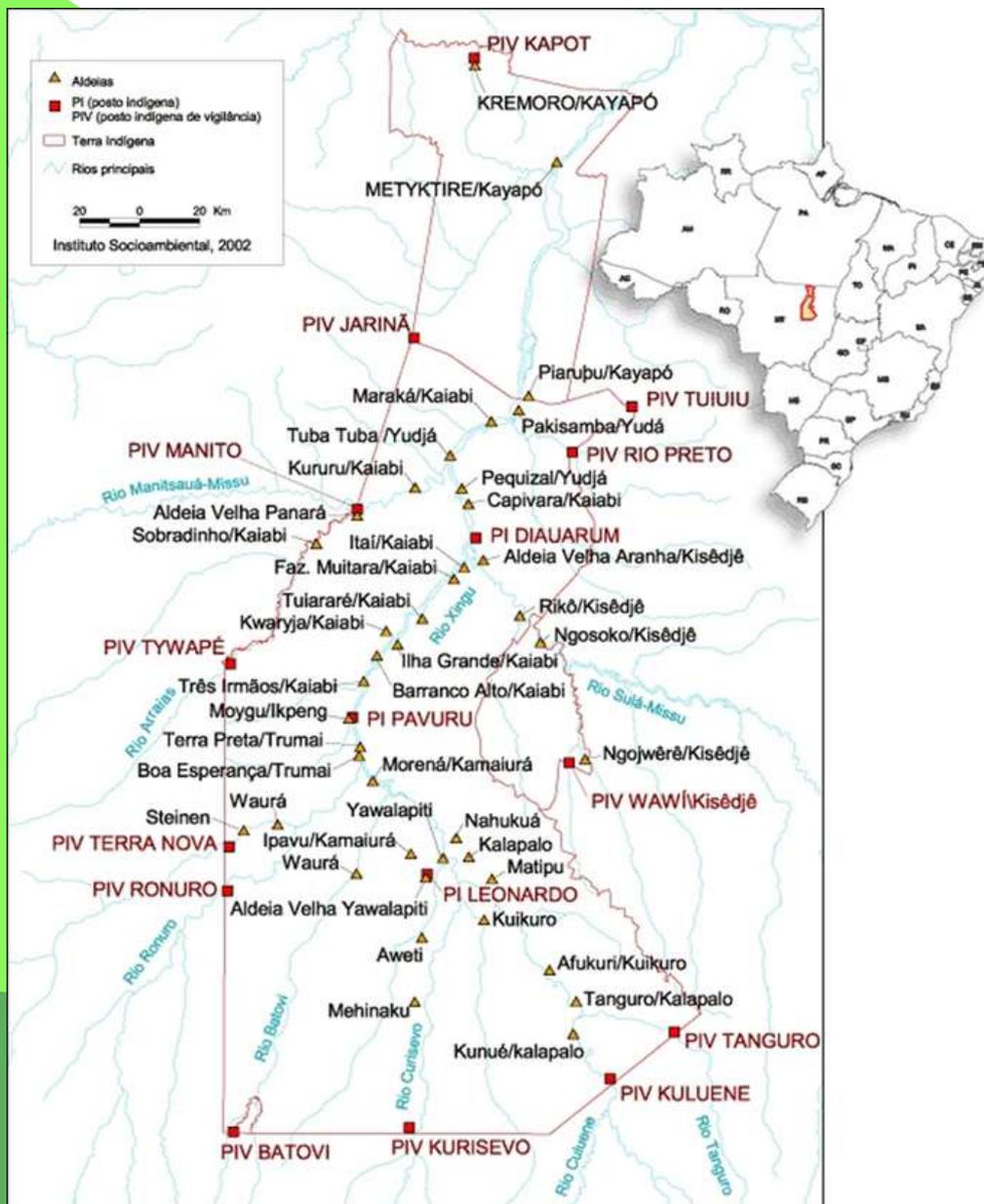
Os povos Ikpeng, Kaiabi, Kĩsêdjê, Tapayuna e Yudja não fazem parte do complexo cultural alto-xinguano e são bastante heterogêneos culturalmente. Foram integrados aos limites da área demarcada por razões de ordem administrativa, em alguns casos implicando o deslocamento de suas aldeias.

As 16 etnias que habitam o Parque: Aweti, Ikpeng, Kaiabi, Kalapalo, Kamaiurá, Kĩsêdjê, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Wauja, Tapayuna, Trumai, Yudja, Yawalapiti.

Há, contudo, casamentos frequentes entre esses grupos, que acarretam uma maior articulação entre eles.

Um movimento recente vem ainda fazendo convergir todos os povos do Parque em nome de interesses comuns. As organizações indígenas (sobretudo a Associação Terra Indígena do Xingu) têm se estabelecido como um importante meio de interlocução com a sociedade nacional e fomento de projetos de educação, alternativas econômicas e proteção do território.

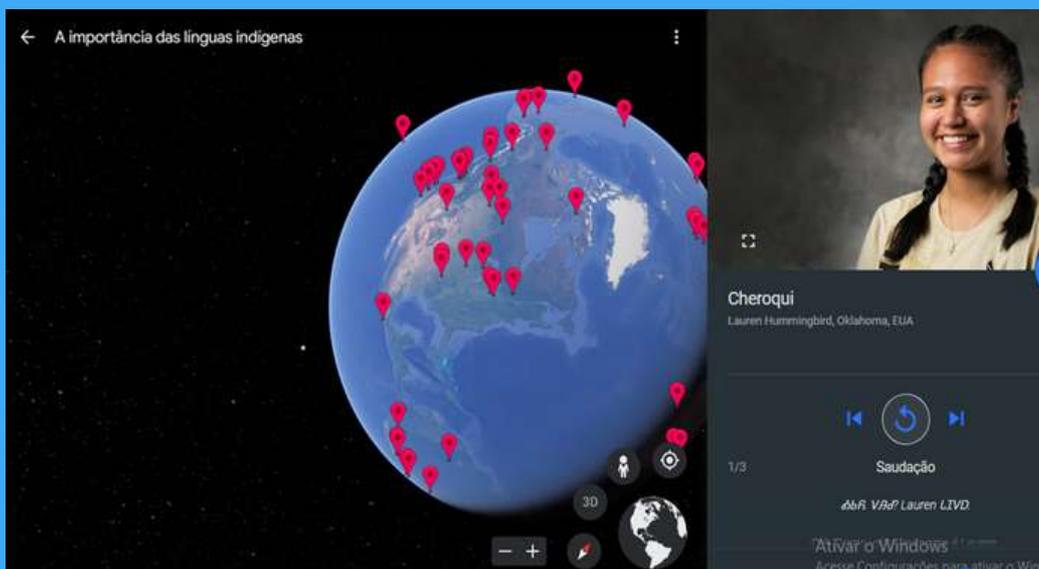
MAPA: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL/ISA, 2002



Línguas: Kamaiurá e Kaiabi (família Tupi-Guarani, tronco Tupí); Yudja (família Juruna, tronco Tupí); Aweti (família Aweti, tronco Tupi); Mehinako, Wauja e Yawalapiti (família Aruák); Kalapalo, Ikpeng, Kuikuro, Matipu, Nahukwá e Naruvotu (família Karíb); Kísédjê e Tapayuna (família Jê, tronco Macro-Jê); Trumai (língua isolada).

VOCE SABIA?

...que no Google Earth é possível localizar os povos indígenas do mundo e ouvir uma saudação em sua língua própria?



Acesse pelo QR Code.



Prefeito

Gustavo Henric Costa

Secretário de Educação

Alex Viterale

Subsecretária de Educação

Fábia Costa

**Diretora de Departamento de Orientações
Educativas e Pedagógicas**

Solange Turgante Adamoli

EQUIPE DE PRODUÇÃO DOS CONTEÚDOS

Solange Turgante Adamoli

**Divisão Técnica de Diversidade
e Apoio à Inclusão**

Patrícia da Silva Matildes Aguiar

**Seção Técnica de Ações Educativas
para Igualdade Racial e de Gênero**

Claudia S. Ferreira Lucena

Sueli Mariana Medeiros

Lucília Ribeiro de Souza

Marlúcia Silva Vieira

DIAGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO

Departamento de Orientações Educativas e
Pedagógicas - DOEP

**DIVISÃO TÉCNICA DE
COMUNICAÇÃO EDUCACIONAL**

Colaboração: Ana Paula O. A. Santos, Anna
Solano, Bárbara Braz, Carla Maio, Camila
Rhodes, Danielle Chaves, Diego Alves, Eduardo
Calabria, Gabriel de Almeida Bastos, Gezer
Amorim, Maira Kami, Mateus Barboza, Natália
Teixeira, Rodolfo Santana e William Ferreira.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

Rua Claudino Barbosa, 313 - Macedo - Guarulhos/SP

CEP 07113-040 - TEL.: 2475-7300

<http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br>

2023

